

Polícia separa 70 brigas de trânsito por dia em SP

Capital tem, em média, um registro de desentendimento a cada 20 minutos

"Eu viro um monstro; entro no carro, passo a esquina e já estou xingando alguém", diz motorista "brigão"

ROGÉRIO PAGNAN
DE SÃO PAULO

O corretor de seguros Gilberto, 45, deu uma bronca em um motorista de táxi que lhe cortou a frente. Ao ouvir um atravessado "não reclama porque você ainda está vivo", não pensou duas vezes. Partiu para a briga.

"Quase matei o cara. Sabe aquele desenho do Walt Disney da década de 50? O Pateta motorista que se transforma dentro do carro? Aquele sou eu. Eu viro um monstro. Entro no carro, respiro fundo e digo: "Hoje nada vai me afetar". Eu viro a esquina e já estou xingando alguém."

O problema de Gilberto, que buscou tratamento após perder a conta do número de brigas em que se envolveu no trânsito, está cada

vez mais comum nas ruas da capital. E quem diz isso não são os médicos, mas a polícia.

Todos os dias, segundo a Polícia Militar, entre as 35 mil chamadas há, em média, 70 para atendimentos de brigas de trânsito na capital -uma a cada 20 minutos.

Parte dos desentendimentos e agressões ocorre após pequenos acidentes, sem vítimas. Outra parte, porém, segundo a PM, é fruto da disputa entre motoristas por espaços nas ruas da capital (a frota paulistana é de 7 milhões de veículos).

"Uma buzinação, um carro quer passar e o outro não deixa. Tudo isso pode ser motivo para um xingamento, um gesto obscuro, e dar início a uma briga", diz o porta-voz do comando da PM, capitão Cleodato Moisés do Nascimento.

"LEI DE GERSON"

Para a psicóloga Liliana Seger, parte dos motoristas não tolera ter sua frente "roubada" numa fila e vê

essa ação até como um deboche. "Ele entende: "eu sou esperto e você é bobão"."

Para o gerente de produto Breno Lopes, 31, foi um sentimento assim que o fez instalar uma buzina náutica no veículo e a andar com uma lanterna comprida, que também servia de cas-setete, no banco de trás por um tempo.

"Eu não gosto de gente espertona, de "Gersons", disse ele que não chegou a brigar fisicamente, mas já foi ameaçado por motorista armado.

Dos desentendimentos, diz o capitão, mais da metade envolve motociclistas.

O motorista Josias de Oliveira, 39, está nessa lista. No início do ano, conta, estava em um semáforo quando, de repente, um motoqueiro chutou a porta do seu carro.

"Eu abaixei o vidro e perguntei se ele estava maluco. Ele disse: "É isso mesmo, mané". Ele partiu para cima de mim e eu para cima dele. Quando vi, tinha uns 15 motoboys e umas 50 pessoas me olhando", diz Josias.

"Brigões" chegam a 4% da população

Psicóloga Liliana Seger, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, explica que "pavios curtos" podem ser doentes

O Transtorno Explosivo Intermitente, ou apenas TEI, é um doença e leva pessoas com esse mal a ser menos tolerantes

DE SÃO PAULO

"Barberou"? Fechou alguém no trânsito? Levante a mão e peça desculpas. Esse simples gesto, segundo a psicóloga Liliana Seger, pode evitar o início de uma briga de consequências imprevisíveis.

Principalmente se do outro lado estiver um motorista que sofra de uma doença chamada TEI (Transtorno Explosivo Intermitente). Liliana coordena um estudo sobre essa doença no Instituto de Psiquiatria do HC de SP.

Pessoas com esse mal, segundo ela, são "extremamente intolerantes aos erros dos outros" e numa briga são capazes de tudo -até matar. "Se o cara do outro lado está armado,

ele não está nem aí. Vai para cima. A pessoa fica cega de raiva. E se ela tiver uma arma, ela mata", diz. "Se você levantar a mão e pedir desculpa, pelo menos ela não vai te arrebentar."

O corretor de seguros Gilberto, que faz parte do grupo de tratamento de Liliana, concorda. O motorista de táxi que ele quase matou teria se livrado da surra com um simples pedido de desculpas, diz. Segundo a psicóloga, estima-se que cerca de 4% da população possua a doença.

"São aquelas pessoas popularmente chamadas de 'pavio curto'", diz. "Elas não medem as consequências. Depois, ficam arrependidas."

Um motorista que briga no trânsito, mesmo quando está com crianças no carro, por exemplo, muito provavelmente tem a doença.

Em São Paulo, em apenas um mês, pelo menos três mortes ocorreram em brigas de trânsito. A polícia diz não ter um levantamento exato de quantas pessoas são assassinadas dessa forma.

Para o delegado-geral Marcos Carneiro Lima, o maior rigor na liberação de armas no Brasil -que praticamente acabou com o porte de armas para civis-, reduziu muito o número de pessoas que se matavam nas ruas. "Você tinha no trânsito um dentista matando um engenheiro.

Pessoas de bem, mas que se matavam porque brigavam no trânsito. Com essa redução [de armas nas ruas], esses casos tornaram raros."

GENTILEZA

O sociólogo Álvaro Gullo, da USP, diz que a violência no trânsito é resultado do estilo de vida que a cidade adotou: altamente competitivo e que joga as pessoas umas contras as outras.

"A boa notícia é que poderíamos amenizar muito esse sofrimento, se desenvolvêssemos nossa capacidade de resiliência", diz Elko Perissinotti, vice-diretor do Hospital-Dia do Instituto de Psiquiatria do HC. (ROGÉRIO PAGNAN)